

ABERTO

REPORTAGEM

“MUDAR DE VIDA”

CASOS DE SUCESSO
DE PORTUGUESES
QUE ARRISCARAM
EM NOVOS NEGÓCIOS

ENTREVISTA

ALFREDO BRUTO DA COSTA

PRESIDENTE DA COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ

“ A POBREZA NÃO EXISTE POR ACASO

P.4-5

ECONOMIA

MUDAR DE VIDA

OS DADOS MAIS RECENTES MOSTRAM O NÚMERO DE DESEMPREGADOS A DIMINUIR, EMBORA PORTUGAL CONTINUE COM UMA DAS TAXAS DE DESEMPREGO MAIS ELEVADAS DA UNIÃO EUROPEIA. APESAR DA CRISE, DO RECEIO E DOS NÚMEROS, AINDA HÁ ESPAÇO PARA SONHOS. CONHEÇA AS HISTÓRIAS DE CINCO PORTUGUESES QUE SE AFASTARAM DAS SUAS ÁREAS DE FORMAÇÃO E CRIARAM O SEU PRÓPRIO EMPREGO. TODOS OS DIAS DÃO O CORPO E A ALMA PELA ESCOLHA QUE FIZERAM. E NENHUM DELES SE ARREPENDE DO CAMINHO QUE PERCORREU.

UM CONTO DE FADAS

Ana Sá abriu há três anos a sua pequena loja em Viana do Castelo com a ajuda de um familiar que a livrou de pagamentos à banca tradicional. Abriu a “Conto de Fadas”, uma loja dirigida essencialmente a um nicho de mercado. Vende caixas de música, pequenas esculturas, carroséis, globos de neve. Ana licenciou-se em Direito e especializou-se em Notariado. Emprego na área, em Viana do Castelo, só conseguia sem remuneração. Trabalhou em duas lojas num *shopping*. Da segunda demitiu-se para frequentar o mestrado que tanto desejava e que tinha horários incompatíveis com os turnos que fazia. Mesmo a estudar, não quis deixar de trabalhar e decidiu dar asas a um sonho: montar o seu próprio negócio. “Pensava inocentemente que ia conseguir conciliar, mas passados uns meses abandonei o mestrado”, admite. A ideia e os produtos vendidos poderiam, à partida, não parecer os mais rentáveis. Mas a verdade é que a loja continua aberta e prospera. Ana, de sorriso aberto, não mente: “não é um negócio absolutamente estável, há meses melhores e outros piores”. A maior parte das suas vendas é efectuada através da loja *online*. Ana orgulha-se de o conseguir porque não descarta essa parte, não apostou apenas no espaço físico da “Conto de Fadas”. Feliz, realizada e sem necessidade de voltar à vida antiga: é assim que se sente. Ana só tem uma folga por semana (quando tem!), não sabe o que são férias há três anos e quando sai da loja, pelo final da tarde, é para se agarrar ao computador a responder a pedidos e encomendas. “Em três anos nunca me deitei com um email ou mensagem por responder”, afirma orgulhosamente. “É cansativo, mas voltar atrás não. É muito difícil, mas é um negócio meu, com coisas que adoro e que me faz muito feliz”, diz. A felicidade é visível no empenho que devota a cada embrulho que faz. Recebe constantemente pedidos de conselhos de quem quer montar o seu próprio negócio e a vê como inspiração. Ana tem 26 anos, deu uma volta à vida e espera o primeiro filho para Fevereiro de 2015.



MATEMÁTICA DOCE

Raquel Ramoa, 34 anos, Professora de Matemática, sempre gostou de fazer os seus “docinhos”, mas nunca pensou fazer deles profissão. Enérgica, além da licenciatura em Matemática fez também um curso de *Fitness* e chegou mesmo a dar aulas em ginásios. Entretanto, e depois de uma desilusão com a encomenda que fez de um bolo, começou a frequentar alguns workshops de “Cakedesign”. Em 2011, a dar formação na área da Matemática, viu o desemprego prestes a bater-lhe à porta. Raquel não baixou os braços: depois de pensar e perceber que em Braga a oferta em termos de *cakedesign* não era muita, decidiu avançar com um negócio próprio. Surgia em 2012 a “Boutique do Açúcar”, uma loja especializada na confecção de bolos, venda de acessórios de pastelaria e espaço de formações. Raquel deixou para trás os números e mudou radicalmente de vida. Não gosta muito de falar dos primeiros meses do ano: com dois filhos pequenos, agora com 8 e 4 anos, a abertura da loja trouxe-lhe implicações menos boas a nível de rotinas familiares. Hoje em dia, com outra organização, quando questionada sobre eventualmente voltar à sua área original de formação, não hesita na resposta. “Nem pensar. Às vezes questionam-me sobre isso. Sou feliz com o que faço”, afirma com convicção. Perguntamos se na altura de abrir a loja não teve medo. “Muito. Mas também sou muito teimosa e positiva”, responde. Raquel não tem nenhum segredo para o sucesso do negócio que criou com um investimento que partiu do orçamento familiar, mas diz que condição essencial é estar pronto para “trabalhar, trabalhar, trabalhar”. “Às vezes dizem-me que isto é muito fácil... Não é, trabalho muito mais do que algum dia trabalhei por conta de outrem”, confessa. Graças à abertura da loja e ao facto de o negócio ter prosperado, Raquel já conseguiu dar emprego a outra pessoa, desta vez uma licenciada em Educação Visual e Tecnológica.



UMA BRINCADEIRA SÉRIA

A amizade já era improvável: Cândida Veloso, 44 anos, Diogo Pereira e Diogo Fernandes, ambos com 24 anos. As áreas de formação também em pouco coincidiam: Português, Fisioterapia e Direito. Mas existia um denominador comum: a instabilidade laboral. E numa brincadeira entre os três, no bar que gostavam de frequentar, foi lançada para o ar a pergunta: “e se fôssemos com isto?”. E assim reabriram o “Barhaus”, no centro histórico de Braga. Dos anteriores proprietários só herdaram as infraestruturas. Tudo o resto foi adquirido pelos três novos sócios, que investiram do seu próprio bolso uma quantia avultada para colocar de novo o bar em funcionamento. “Uma das primeiras regras definidas foi esta: tínhamos uma verba e tínhamos que trabalhar com ela. Se víssemos que estávamos perto de a ultrapassar, fechávamos as portas”, relata Diogo Fernandes. Os outros anuem. Seis meses depois, quatro deles passados sem folgas, muitos dias e noites a trabalhar ininterruptamente, o “Barhaus” começa a dar lucro. Cândida conta que, quando abriram o bar, nem dinheiro para publicidade tinham. “Decidimos apostar em preços baixos, valeu-nos



a publicidade boca-a-boca”, revela. Apesar do notório cansaço, os três são de gargalhada fácil e mostram-se felizes com o percurso que o bar tomou. “Também temos chatices, mas tudo passa porque somos muito amigos”, revela Cândida. Têm até uma espécie de tradição: nunca entram nem saem do bar sem se cumprimentarem, mesmo em dias “menos bons”. Os três sócios continuam ligados às suas áreas de formação, mas a maior parte do tempo é passado no bar, que gerem sozinhos durante a semana. Com a abertura do bar, Cândida conseguiu trazer para Portugal o filho que tinha emigrado para França e que agora é mais um dos trabalhadores activos do “Barhaus”.

OS NÚMEROS DE 2014

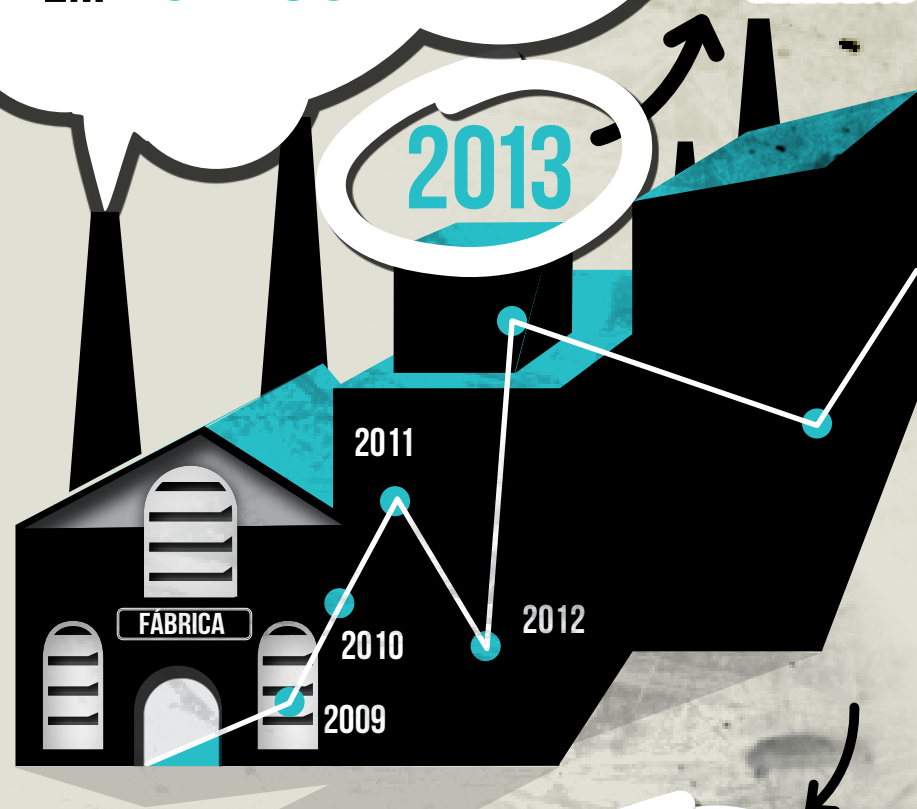
De acordo com o Observatório de Insolvências e Constituições de Empresas, produzido pela IGNIOS, nos primeiros nove meses de 2014 foram criadas 26 510 empresas em Portugal. No mesmo período, respeitante a 2013, já tinham sido constituídas 26 909. Há uma diminuição em termos homólogos mas, mesmo em período de crise, não deixa de haver constituição de novas empresas, a maioria delas com um capital social não superior a 5000 euros.

A “Conto de Fadas”, a “Boutique do Açúcar” (criada no pior ano em termos de evolução empresarial desde 2009) e o “Barhaus” permitiram a criação de um ou vários empregos, contribuindo assim para a diminuição do desemprego em Portugal.

A 5 de Novembro de 2014, o Instituto Nacional de Estatística (INE) publicou um relatório com os dados relativos ao desemprego actual em Portugal. A taxa de desemprego em Portugal reduziu para 13,1% no terceiro trimestre de 2014. A população desempregada passou a ser constituída por 688,9 mil pessoas, o que representou uma diminuição homóloga de 16%.

EVOLUÇÃO EMPRESARIAL EM PORTUGAL

MELHOR ANO DE CONSTITUIÇÃO DE EMPRESAS DESDE 2009



AS NOVAS EMPRESAS ENVOLVERAM UM TOTAL DE

46 256 EMPREENDEDORES

35 296

NOVAS EMPRESAS: CRESCIMENTO DE 12,8% FACE A 2012

2 307 SOCIEDADES

PRINCIPAIS SECTORES

31% SERVIÇOS

16% RETALHO

11% ALOJAMENTO E RESTAURAÇÃO

PRINCIPAIS REGIÕES

36% NORTE

32% LISBOA

18% CENTRO

14 504

EXTINÇÕES DE EMPRESAS, DESCIDA DE 20% FACE A 2012.

ECONOMIA

“A POBREZA CONSTITUI UMA VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS”

DOUTORADO EM SOCIOLOGIA, JÁ FOI PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E MINISTRO DOS ASSUNTOS SOCIAIS. ACTUALMENTE, ALFREDO BRUTO DA COSTA É PRESIDENTE DA COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ. COM A IGREJA VIVA FALOU DOS DIVERSOS CONCEITOS DE POBREZA, DE EXCLUSÃO SOCIAL E DA FASE QUE O PAÍS ATRAVESSA.

TEXTO: DACS FOTOS: MANUEL COSTA / AGÊNCIA ECCLESIA



Como e quando despertou a sua consciência para os problemas relacionados com a justiça social, pobreza e exclusão?

Despertei para este tipo de problemas a meio do meu curso de Engenharia, por influência dos autores que descobri na altura, sobretudo de dois pensadores brasileiros. Entretanto, o Concílio Vaticano II veio reforçar o interesse pela teologia e por aqueles problemas. A tal ponto que no 3º ano do curso (de 6 anos) já sabia que não queria seguir a profissão de engenheiro. Daí em diante, estudava filosofia e teologia, por conta própria. Entretanto, decidi continuar o curso até ao fim. Logo que formado (como engenheiro) tive a sorte de conseguir emprego no órgão central de planeamento económico e social. Foi esse o domínio da minha carreira profissional. No final da carreira (meados dos anos oitenta), decidi dedicar-me ao estudo científico da pobreza, acabando por me doutorar no assunto. Cargos diversos, nacionais e internacionais, consolidaram o meu compromisso com o tema.

O que é a pobreza? Em que difere de exclusão social?

Há diversas perspectivas e conceitos de pobreza. A diversidade abrange não apenas a opinião pública, mas também os especialistas. Pessoalmente, utilizo uma definição que considera a pobreza

como uma situação de privação causada por falta de recursos. De facto, consiste na conjunção de dois problemas: a privação (carência) e a falta de recursos (causa). Só quando ambos são resolvidos é que a pobreza é vencida. A exclusão social é um conceito francês relacionado com a solidez da “relação” da pessoa com os outros, com as instituições e, de

“É inaceitável que o número dos ricos e o valor das fortunas aumente em tempo de políticas de austeridade”

modo geral, com a sociedade. O idoso isolado, por exemplo, mesmo que não seja pobre, é um excluído, uma vez que está prejudicado na sua relação com os outros, com as outras gerações, com o convívio familiar, etc. O modo como a sociedade está organizada e funciona exclui-o.

Porque é que não há formas de combater definitivamente a pobreza?

A pobreza é um fenómeno extremamente complexo e profundo. A sua erradicação requer, antes do mais, que se compreenda a sua natureza e as suas causas, o que nem sempre acontece por parte dos que falam da pobreza ou procuram combatê-la. As soluções requerem mudanças

sociais que atinjam interesses e quadros culturais estabelecidos. Daí a dificuldade do combate, que, no entanto, é cada vez mais possível e urgente. A pobreza não existe por acaso, nem é uma fatalidade.

A pobreza de hoje é mais grave do que a de há quatro ou cinco décadas atrás?

Naturalmente que sim. Devemos, no entanto, ter presentes três aspectos fundamentais: primeiramente, o ritmo a que as coisas têm melhorado é muito mais lento do que seria eticamente exigível; em segundo lugar, a dimensão humana do problema exige que nos preocupemos mais com a pobreza que ainda existe e menos com o pequeno progresso verificado. Finalmente, a pobreza tem uma dimensão relativa, pelo que, em contexto diferente, um tipo de pobreza menos “grave” pode acarretar sofrimento igual ou maior do que outro menos “grave” noutro contexto.

A pobreza pode ser considerada uma violação dos direitos humanos?

Sem dúvida. A interpretação que hoje damos ao “direito à vida”, da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* de 1948, implica o direito a uma vida digna, logo, isenta de pobreza. A *Carta Social Europeia*, que Portugal ratificou, consagra no seu artigo 30º o direito de protecção

contra a pobreza e a exclusão social. Por outro lado, a evolução do pensamento acerca da dignidade humana e do conceito de democracia torna evidente que a pobreza constitui uma violação dos direitos humanos.

Que papel deve ter a sociedade civil no combate à pobreza e exclusão? E o Estado?

O papel da sociedade civil no combate à pobreza é de extrema importância. Isso não quer dizer que se limite a fornecer bens e serviços, embora esta parte também seja importante. Gestos colectivos de impacto político a favor dos pobres (dimensão política

“A pobreza não existe por acaso, nem é uma fatalidade”

da caridade) são a grande omissão da maior parte das sociedades. A “opção preferencial pelos pobres” deve ser individual, da sociedade civil e do Estado. O Estado existe para promover e defender o bem comum. Ora, certamente que a eliminação da pobreza é uma dimensão essencial do bem comum. Consequentemente, o combate à pobreza é uma das funções fundamentais do Estado. Todas as políticas devem ser avaliadas no seu impacto, positivo ou negativo, sobre a pobreza, e todas devem ter em vista,



além do mais, o objectivo de contribuir para o combate à pobreza.

Quanto mais ricos ficam os ricos, mais pobres ficam os pobres?

Não é necessariamente uma questão de vasos comunicantes. Se não houver uma intenção expressa de reduzir a desigualdade, a tendência natural dos sistemas económicos e das instituições será a de agravar a desigualdade. O que é inaceitável é que o número dos ricos e o valor das fortunas aumente em tempo de políticas de austeridade.

Fernando Nobre, presidente da AMI, disse que as cantinas sociais evitaram que a “bolha social” rebentasse. Os portugueses passam fome?

A experiência das instituições sociais (Caritas, Banco Alimentar contra a Fome, etc.) e das escolas é eloquente quanto à existência de fome em Portugal, num duplo sentido: há pessoas e famílias que não comeriam se não fosse a ajuda das cantinas sociais e de outros serviços contra a fome (cantinas escolares, etc.); por outro lado, há famílias que sacrificam a alimentação para poderem pagar outras despesas fixas (electricidade, água, renda/prestação da casa, etc.).

Qual é o perfil do pobre português?

Há diversos perfis de pobreza no país. A título de exemplo, apontaria a

pobreza recente, a pobreza de longa duração, a pobreza envergonhada, a situação dos sem-abrigo, a pobreza dos idosos isolados, a pobreza de famílias com crianças, a pobreza dos imigrantes, a pobreza dos reclusos e dos ex-reclusos. São tipos de pobreza que requerem soluções diferentes e, por isso, devem ser bem caracterizadas.

É correcto contabilizar os recém-licenciados que nunca trabalharam no bolo global do desemprego jovem?

A definição de “desemprego” entre os países da UE é totalmente imprópria para sustentar uma política, porque o número dos que considera como desempregados é inferior ao dos desempregados efectivos. Daí que a verdadeira gravidade do problema do desemprego seja maior do que o que as estatísticas oficiais (europeias e nacionais) revelam. E o facto de ser utilizada pela UE não torna boa uma má definição. A meu ver, um recém-licenciado que, ao fim de um certo tempo após a formatura (seis meses?) não consiga emprego (por conta d’outrem ou por conta própria), deverá ser classificado como desempregado e ter direito ao subsídio de desemprego.

Ainda há espaço para o empreendedorismo em Portugal?

Creio que há espaço, mas não considero que seja uma solução

generalizada para o problema do desemprego. A meu ver, o empreendedorismo é, sem dúvida, um dos diversos tipos de soluções para ocupação de pequenos nichos de mercado. É uma de muitas soluções complementares.

Com a crise, a pobreza passou a ser uma prioridade para Portugal e para a Europa?

Não existe informação actualizada e pormenorizada que permita responder a esta questão. Todavia, esta falta de informação, em si, significa que a pobreza não é prioridade nem para Portugal nem para a Europa. A política neoliberal que tem inspirado o governo do país e da Europa não é compatível com essa prioridade.

Quais são as prioridades da Europa?

Quais são, não sei. Quais deveriam ser, posso tentar dizer. Antes do mais, o preenchimento do grave défice democrático nas instituições e nos processos de decisão. Depois, uma viragem que varra a ideologia neoliberal do continente europeu. Em terceiro lugar, o fim da hegemonia dos países mais fortes, designadamente da Alemanha, e da ditadura dos credores (países e instituições), na condução da política europeia. Isto implica, além do mais, uma cultura de justiça e de solidariedade e um processo de decisão em que o peso dos votos e dos vetos seja mais democrático. A qualidade de “contribuinte líquido” financeiro deve ser confrontado com a de “beneficiário maior” do mercado único e das políticas comunitárias.

PORTUGAL

2,88 M
DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE
POBREZA OU EXCLUSÃO EM 2013

27,4%
DA POPULAÇÃO EM RISCO EM 2014

10,9%
PRIVADOS DE BENS
ESSENCIAIS EM 2013

O que acha do Papa Francisco?

Uma releitura do Concílio Vaticano II e do mundo actual. Era estudante universitário quando teve lugar o Concílio. Acompanhei com entusiasmo esse acontecimento maior da Igreja e o que o mesmo pôs em movimento. Com o Papa Francisco, a sensação que tenho é a de que a Igreja tomou um novo fôlego de abertura e renovação.

É uma graça de Deus viver este tempo eclesial.

Em Março passado, o Papa Francisco disse “como eu gostaria de uma Igreja pobre, para os pobres”. O que significa isso?

Esta frase podia ter sido dita pelo Papa João XXIII. Aliás, ele disse algo parecido, um mês antes da abertura do Concílio. “Igreja pobre” não é, certamente, uma Igreja que passe fome, mas uma Igreja que seja pobre no sentido das Bem-Aventuranças, quer na versão de Mateus, quer na de Lucas, solidária com os pobres e excluídos. Igreja “para os pobres” é uma Igreja-comunidade onde os pobres se sintam em sua casa e uma Igreja que assuma de modo mais decidido a terceira dimensão da sua essência: exercício da caridade, enquanto comunidade, de modo a que no seu meio (entre crentes e não crentes), não haja pobres (aqueles a quem falta o necessário para uma vida digna). Tudo isto, sem prejuízo da natureza universal da Igreja, de todos e para todos.

A institucionalização da caridade é uma necessidade evangélica ou um modo de a Igreja conservar a sua relevância social?

O que disse na resposta à questão anterior, de certo modo responde a esta. Considero fundamental o que Bento XVI diz a este respeito, na encíclica *Deus Caritas Est* (DCE): “Para a Igreja, a caridade (...) pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência.” (DCE, 25). Isto impõe condições, designadamente, que seja uma acção comunitária ordenada dos crentes, realizada no espírito específico cristão (“Para a Igreja, a caridade não é uma espécie de actividade de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência.” (DCE, 25)). O mesmo papa sublinhará, sobretudo na encíclica *Caritas in Veritate*, como a caridade é inseparável da justiça. Os capítulos da *Caritas in Veritate*, em que Bento XVI reabilita o conceito de caridade, são fundamentais para os cristãos e a sociedade reverem o seu entendimento de caridade.

O que pode a Igreja Católica fazer tendo em vista a promoção dos Direitos Humanos?

Os cristãos deveriam estar na primeira linha de defesa dos direitos humanos, enquanto decorrência da dignidade humana. A dignidade humana atinge o seu auge no cristianismo, ao reconhecer o ser humano como imagem de Deus. Na célebre encíclica *Pacem in Terris*, o Papa João XXIII introduziu um capítulo sobre os direitos e os deveres humanos. Sem direitos e deveres humanos não há justiça. Sem justiça, não há caridade. Sem caridade, não há cristão.

DOIS MINUTOS DE PURO GÊNIO



MIGUEL MIRANDA

PAZ

O que podes fazer em dois minutos? Bom, a lista iria provavelmente da terra ao céu e nem sequer esqueceria a leitura deste texto. Mas James Spader não precisou de tanto para nos oferecer, no episódio 9 da primeira temporada de “Blacklist” (exibido pela primeira vez há sensivelmente um ano, a 25 de Novembro de 2013, na NBC), um dos mais soberbos monólogos de que há memória na já profusa história das séries para televisão – eu, que sou suspeito, diria mesmo: na história das artes visuais. Quem adivinharia, na verdade, que o então imberbe “Graham” de “Sex, Lies & Videotape” (Steven Soderbergh, 1989, Palma de Ouro em Cannes) seria capaz de se transformar num actor/camaleão de primeira água?

Parêntesis: estamos no território das ficções filmadas para televisão – no caso, dentro do sub-grupo dos policiais de espionagem, digamos, à falta de melhor. Ora, nesta tão povoada geografia de imagens torna-se extremamente difícil colher algo a que possa corresponder um sublinhado (e ainda mais algo que possa fazer história, integrar uma antologia). Efectivamente, o que mais no imediato me vem à mente ao pensar (n)esse sobrecarregado universo, é mesmo a clássica “Panic” (The Smiths, 1986), quando Morrissey, sempre transbordante de ironia, junta a sua voz dengosa a um coral infantil para pedir que o “dj” seja enforcado. Porquê? “Porque a música que ele passa constantemente não me diz nada sobre a minha vida”. Ora aí está o que acontece

com a esmagadora maioria das séries para televisão: só dão música para embalar meninos...

Não assim com “Blacklist” (entre nós rolou na SIC), que alia um argumento inteligente à soberba interpretação de Spader na pele de Raymond Reddington, criminoso internacional cheio de charme, que oferece ao FBI (mais exactamente à agente Elizabeth Keen, que gradualmente descobrimos ser sua filha) os seus serviços em ordem à captura de uma grotesca galeria de terroristas e psicopatas, inimigos públicos cuja existência até aquela força de segurança desconhece.

Um deles, o número 16, é Anslo Garrick, que tem contas a ajustar com Reddington (“Red” para os amigos, nos quais gostosamente me incluo). Empurrado para a frente por uma conspiração interna dentro do FBI, o vilão invade as instalações secretas onde opera a unidade de Keen, fere gravemente o agente Donald Ressler e obriga “Red” a refugiar-se com este no interior de uma caixa transparente selada, com vidro à prova de bala. Na iminência da morte, desprotegidos e indefesos, “Red” transfunde artesanalmente o seu sangue para salvar Ressler (que não vai nada à bola com ele) – faz-te lembrar algo? Mas, mais intenso ainda, o grande e arrepiante monólogo, em jeito confessional, interpretado por Spader. Começa com uma pergunta: “Já alguma vez navegaste através do oceano, Donald?”. Prossegue com uma série de coisas que o espirituoso protagonista não se quer dispensar de fazer antes de morrer, sendo a última delas uma noite de sono “como quando era rapaz”. Não é o que todos queremos, tendo-o ou não presente? A câmara aproxima-se lentamente do rosto de “Red” até dar um grande plano aos seus grandes planos. A banda sonora, em fundo, apoia e acentua o dramático da cena. O monólogo de Reddington é a palavra de quem se encontrou há muito, discurso de despedida de alguém que se conhece profundamente. Qualquer pessoa que saiba minuciosamente o que quer fazer nos instantes derradeiros (minutos, dias, meses) é pessoa que profundamente se conhece. E quem se conhece já se encontrou – no momento em que se conheceu. No caso de “Red”, aquilo são os desejos de quem correu mundo e o tem todo lá dentro. Grande James Spader, como é que não te deram o Emmy???

A RELAÇÃO DA IGREJA COM OS MEDIA



PAULO TERROSO

PAZ | @PAULO_TERROSO

Há uma dimensão comunicativa do Papa Francisco que ainda não foi alvo da devida atenção. Falo da relação do Papa com os meios de comunicação social. Concretamente com os jornalistas. Importa referir que o primeiro discurso de Francisco foi precisamente num

nunca o tenha dito explicitamente, reconhece, como S. João Paulo II, que o jornalismo é uma tarefa em certo sentido “sagrada” para o bem de todos, “e de maneira particular para o bem das camadas mais débeis da sociedade: das crianças aos pobres, dos enfermos às pessoas marginalizadas e discriminadas”. Francisco conquistou os jornalistas desde o primeiro momento e parece ser levado ao colo por eles. Sandro Magister, especialista em informação religiosa do semanário italiano *l'Espresso*, um mês após a eleição de Francisco, sustentava que “a benevolência dos *media* em relação ao Papa Francisco” era um dos traços que caracterizavam o início do seu pontificado. Os princípios e as verdades mais incómodas da doutrina cristã continuam a ser afirmados e reafirmados, mas o efeito de “encantamento” de Francisco sobre os *media* permanece.

Se é verdade que, em pouco tempo, os “*bergoglistas*” — assim denominado, na Argentina, o jargão do cardeal Bergoglio, — foram absorvidos e alfabetizaram os discursos episcopais e eclesiais, no que diz respeito à relação com



encontro, por ele desejado, com os representantes dos meios de comunicação social, acreditados para a cobertura do conclave. Nesse encontro, afirmou que os *mass media* são “indispensáveis para narrar ao mundo os acontecimentos da história contemporânea”, agradeceu o serviço “qualificado” dos jornalistas e terminou abençoando todos os profissionais presentes. Os profissionais, com o seu faro jornalístico, intuíram desde logo que estavam perante alguém que os compreendia e respeitava profissionalmente. E não se enganaram. Francisco não tem uma agenda demasiado preenchida para receber os jornalistas. Francisco não recusa entrevistas, mesmo quando está em viagem. Francisco não se esconde e se escuda numa muralha de silêncio perante os escândalos. Francisco não foge dos jornalistas, muito pelo contrário, vai ao encontro deles. Francisco responde a todas as perguntas incómodas e difíceis colocadas pelos jornalistas, mas que são legítimas. Francisco, ainda que

os *media* o discurso é outro. Há um medo irracional em relação aos jornalistas. Quais aves de mau agouro que nos sobrevoam e cercam na desgraça! Não tenhamos medo. Os jornalistas são seres humanos dotados de alma e razão. Apenas lidam mal com silêncio, a mentira, a fuga e não gostam de ser tratados como fotocopiadoras que reproduzem comunicados de imprensa da conveniência do emitente. Quando um jornalista pede um comentário, uma opinião, um esclarecimento, ele está a basicamente a pedir-nos que o ajudemos a compreender um facto, um acontecimento, um escândalo, um discurso, seja o que for, para depois comunicá-lo.

Francisco reconheceu a capacidade dos jornalistas em “identificar e exprimir as expectativas e as exigências do nosso tempo, de oferecer os elementos necessários para uma leitura realista”. Não haverá, na afirmação, o bastante de *sensus fidei* que mereça a nossa atenção?



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Prov 31, 10-13

Leitura do Livro dos Provérbios

Quem poderá encontrar uma mulher virtuosa? O seu valor é maior que o das pérolas. Nela confia o coração do marido e jamais lhe falta coisa alguma. Ela dá-lhe bem-estar e não desventura, em todos os dias da sua vida. Procura obter lã e linho e põe mãos ao trabalho alegremente. Toma a roca em suas mãos, seus dedos manejam o fuso. Abre as mãos ao pobre e estende os braços ao indigente. A graça é enganadora e vã a beleza; a mulher que teme o Senhor é que será louvada. Dai-lhe o fruto das suas mãos e suas obras a louvem às portas da cidade.

SALMO RESPONSORIAL 127

Feliz de ti que temes o Senhor e andas nos seus caminhos. Comerás do trabalho das tuas mãos, serás feliz e tudo te correrá bem.

Tua esposa será como videira fecunda, no íntimo do teu lar; teus filhos serão como ramos de oliveira, ao redor da tua mesa.

Assim será abençoado o homem que teme o Senhor. De Sião te abençoe o Senhor: vejas a prosperidade de Jerusalém todos os dias da tua vida.

LEITURA II 1 Tes 5, 1-6

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Tessalonicenses

Sobre o tempo e a ocasião, não precisais que vos escreva, pois vós próprios sabeis perfeitamente que o dia do Senhor vem como um ladrão nocturno. E quando disserem: “Paz e segurança”, é então que subitamente cairá sobre eles a ruína, como as dores da mulher que está para ser mãe, e não poderão escapar. Mas vós, irmãos, não andais nas trevas, de modo que esse dia vos surpreenda como um ladrão, porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia: nós não somos da noite nem das trevas. Por isso, não durmamos como os outros, mas permaneçamos vigilantes e sóbrios.

EVANGELHO Mt 25, 14-15

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos a seguinte parábola: “Um homem, ao partir de viagem, chamou os seus servos e confiou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, conforme a capacidade de cada qual; e depois partiu. Muito tempo depois, chegou o senhor daqueles servos e foi ajustar contas com eles. O que recebera cinco talentos aproximou-se e apresentou outros cinco, dizendo: ‘Senhor, entregaste-me cinco talentos: aqui estão outros cinco que eu ganhei’. Respondeu-lhe o senhor: ‘Muito bem, servo bom e fiel. Porque foste fiel em coisas pequenas, confiar-te-ei as grandes. Vem tomar parte na alegria do teu senhor’.



A IGREJA ALIMENTA-SE DA PALAVRA

Aproxima-se o final do ano litúrgico. Estamos no final do itinerário espiritual proposto pela liturgia. O que temos feito com o que escutamos? Administramos bem os talentos que recebemos (evangelho), como a “mulher virtuosa” que os rentabiliza nas suas acções (primeira leitura)? Teremos de dar contas (evangelho), num momento que não podemos controlar, tal como aconteceu com o “ladrão nocturno” (segunda leitura). Bom, mas tudo isto não é para nos assustar; é para nos recordar a importância de seguirmos os caminhos de Deus (salmo), para vivermos fielmente a nossa condição de baptizados. Nós somos “filhos da luz e filhos do dia”: temos a luz da fé para iluminar a nossa vida! Uma vez mais, podemos dar graças pelos “talentos” recebidos, pedir perdão pelas vezes em que não os fizemos

render; mas sempre com a confiança de que somos salvos em Jesus Cristo. A “Oração Eucarística I das Missas da Reconciliação” (“Missal Romano”, páginas 1314 a 1319) recorda-nos que cada um é chamado a “uma vida mais feliz”, “a fim de viver a vida nova em Cristo e dedicar-se ao serviço dos irmãos”.

“Abre as mãos ao pobre e estende os braços ao indigente”

O livro dos Provérbios contém uma colecção heterogénea de textos que a tradição colocou sob a autoridade do rei Salomão: o Primeiro Livro dos Reis diz-nos que “Deus concedeu a Salomão sabedoria e inteligência extraordinárias. [...] Proferiu três mil provérbios, e seus hinos são em número de mil e cinco” (capítulo 5, versículos 9 e 12).

Os fragmentos que compõem a primeira leitura do trigésimo terceiro domingo (Ano A) pertencem ao célebre hino que elogia a “mulher exemplar” (cf. Provérbios 31, 10-31). É bastante curioso que a literatura sapiencial — caracterizada por uma atitude desdenhosa em relação às mulheres — tenha escolhido uma mulher como modelo de compromisso e de sabedoria. Além disso, face ao contexto cultural da época, é também de estranhar a actividade comercial atribuída à mulher, aliada às tarefas domésticas e ao compromisso social para com os pobres e os indigentes. O que realmente está em causa é a riqueza humana desta mulher: “o seu valor é maior do que o das pérolas”. E ela merece ser louvada porque “teme o Senhor”. É isto que dá plena consistência a todas as suas actividades.

A fé articula toda a sua existência (fé vivida).

No conjunto da Liturgia da Palavra, seria interessante perceber este texto a partir do tópico da gestão da casa e do lar. A mulher, na dinâmica da parábola do evangelho, também é fiel e trabalha com confiança. Por isso, o centro da reflexão deve orientar-se para a maneira como cada cristão se há-de empenhar em todos os ambientes da fé, isto é, como cada um se pode esmerar em melhorar a vivência da fé, no sentido de obter “uma unidade profunda entre a fé e a caridade” (fruto esperado para este ano pastoral). Por exemplo: “abre as mãos ao pobre e estende os braços ao indigente”. Não se pode falar do (nosso) compromisso em favor dos excluídos da sociedade? No próximo domingo, haverá novidades!



CÂNTICOS DA TARDE E DA MANHÃ



A cantora Teresa Salgueiro estará na região Norte do país entre os dias 19 e 21 de Novembro para interpretar músicas do CD “Cânticos da tarde e da Manhã”. Quarta-feira, dia 19, as Caldas das Taipas recebem a intérprete pelas 21h00 na Igreja Matriz. No dia seguinte é a vez da Basílica dos Congregados, em Braga, receber pela mesma hora os cânticos. Já a sexta-feira, dia 21 de Novembro, está guardada para Fafe, com concerto agendado para as 21h30 na Igreja Nova de São José. Os concertos têm entrada livre e a iniciativa é levada a cabo pelos Seminários.

Os “cânticos” de Teresa Salgueiro têm origem nos hinos que iniciam os dois tempos diários de oração católica, as Laudes pela manhã e as Vésperas, à tarde.

De acordo com a agência Ecclesia, a escolha das composições baseou-se nos hinos frequentemente cantados no Seminário de São Paulo, em Almada. O padre Rodrigo Mendes, vice-reitor do Seminário, afirma que o objectivo do trabalho é “proporcionar a quem escuta, um belo texto de oração e meditação para o início e fim de cada dia da semana”.

FAZ SENTIDO

No arranque da “Semana dos Seminários”, a ser celebrada até dia 16 de Novembro, os Seminários da Arquidiocese de Braga criaram um novo “site” onde dão a conhecer melhor os seus espaços.

Com um aspecto jovem e actual, os conteúdos do site dividem-se por três grandes áreas: Pré-seminário, Seminário Menor e Seminário Maior. Os utilizadores e interessados podem, desta forma, ficar a conhecer melhor a missão, objectivos e valores de cada uma das valências.

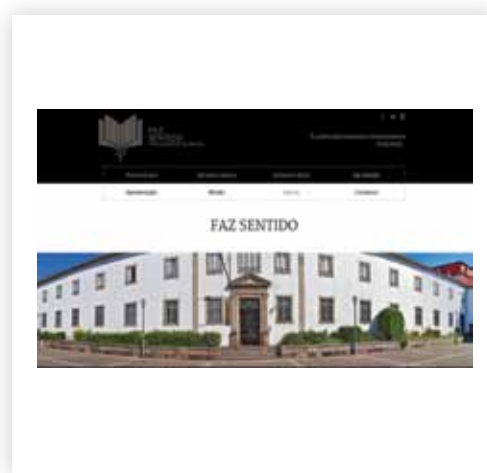
O site denomina-se “Faz sentido” e

pretende, ao mesmo tempo, fazer uma “proposta vocacional”, explicando porque “faz sentido” iniciar o caminho em direcção a Cristo.

As informações disponibilizadas são dirigidas a vários tipos de público, desde os mais jovens até aos adultos.

No novo site pode também ser descarregada a revista bimestral “Voz da Esperança”.

É igualmente possível subscrever uma newsletter que conta com as mais recentes notícias e actualizações sobre os seminários.



AGENDA

13.11.2014

CONSELHO ARQUIDIOCESANO
PARA A PASTORAL CATEQUÉTICA

14.11.2014

VIGÍLIA DOS SEMINÁRIOS
(SEMINÁRIO CONCILIAR)

15.11.2014

CONSELHO DIOCESANO
DO MOVIMENTO DA MENSAGEM
DE FÁTIMA

16.11.2014

ABERTURA SOLENE
DOS SEMINÁRIOS



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o cônego José Paulo Abreu, vigário geral da Arquidiocese.



Faça um Like



Siga-nos no Facebook

FICHA TÉCNICA

Diretor: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Eduardo Madureira, Ana Pinheiro, Eduarda Bernardo, Flávia Barbosa, Joana Araújo)
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@diocese-braga.pt

LIVRARIA DO DIÁRIO DO MINHO



JOÃO
CORREIA

A HOSPITALIDADE
NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE CRISTÃ

Com prefácio de Tolentino Mendonça, “A Hospitalidade na construção da identidade cristã” constitui a dissertação de doutoramento de João Alberto Sousa Correia. De acordo com o autor, a hospitalidade cristã é um “testemunho eloquente para os de fora”, criando ao mesmo tempo um “ambiente caloroso para os de dentro”. Também Tolentino Mendonça prefacia que através das palavras de João Correia é possível entender-se, “desde a sua primeira configuração”, que o cristianismo se apresenta como “experiência e projecto de hospitalidade”.

PVP
€27,70

15%
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 13 a 20 de Novembro de 2014.